

A Velha Congregação da Faculdade de Medicina

Carlos da Silva Lacaz*

Roberto Fantuzzi, o grande pintor da Medicina, deixou na "Casa de Arnaldo" dois magníficos trabalhos que tanto valorizam sua imensa obra artística. O primeiro figura no Museu Histórico, retratando uma operação do Prof. Benedicto Montenegro, no Hospital Santa Catarina e na qual aparecem ao lado do velho, saudoso e querido mestre, seus assistentes Edmundo Vasconcelos, Miguel Leuzzi, João de Lorenzo, José Martins Costa, Piragibe Nogueira e Reinaldo Neves de Figueiredo, ao lado das irmãs Walburga e Apolônia. "Operação terminada" é o título dessa tela, mostrando o Prof. Montenegro uma úlcera gástrica após a prática da gastectomia.

A outra tela, localizada no salão nobre da Faculdade de Medicina (sala da Congregação) retrata, em 1932, os grandes mestres da Faculdade que o Prof. Almeida Prado gravou para sempre em sua prodigiosa memória.

Arnaldo já não estava vivo, vítima de septicemia estreptocócica, consequência de um flegmão da garganta. Falecia a 5 de junho de 1920, um dos grandes líderes da medicina paulista. Guilherme Bastos Milward, boêmio de espírito, morria em 1932, na cidade do Rio de Janeiro, em cuja Faculdade de Medicina se diplomara. Lá estão, retratados, 38 mestres, aqueles que fizeram a grandeza da instituição, mutilada pela desastrosa e desastrada reforma universitária.

Alfonso Bovero, vindo de Turim, foi grande anatomista, criador de uma escola das mais famosas na especialidade, da qual foi cultor apaixonado. Vejo-o, ainda hoje, com seu longo avental percorrendo os corredores do antigo Departamento de Anatomia, com seus assistentes Renato Locchi, Odorico Machado de Souza, Procópio Bielik, Max de Barros Erhardt, Calazans e tantos outros. João Paulo da Cruz Britto, professor de Oftalmologia, foi líder incontestado de nossa classe; Ludgero da Cunha Motta, excelente professor de Anatomia Patológica, deixou-nos valiosa obra na área que Virchow consagrou. Foi Diretor da Faculdade quando se iniciavam as obras de construção do Hospital das Clínicas, há 50 anos. Samuel Barnsley Pessoa, diplomado

pela nossa Faculdade, foi criador de uma famosa escola de Parasitologia, autor de obra clássica, grande estudioso de nossa patologia.

Nicolau de Moraes Barros, mestre de Ginecologia, didata por excelência, entrara na velha Escola após memorável concurso, sucedendo a Arnaldo Vieira de Carvalho. Formou dezenas de discípulos, dentre os quais destacamos José Bonifácio

Medina, que continuou seu trabalho. Jayme Regallo Pereira, catedrático de Farmacologia, trabalhara em Boston, na Universidade de Harvard, com o famoso fisiologista William B. Cannon, traduzindo sua famosa obra - "The Wisdom of the body" (A Sabedoria do Corpo); Ovidio Pires de Campos, clínico por excelência, lecionava na Santa Casa de Misericórdia, tendo sido também, titular de Fisiologia, sucedendo a Mayer que viera de Nancy, aqui permanecendo somente um ano (1913); Celestino Bourroul, diplomado em Salvador, fizera sua tese de doutorado com Lutz sobre mosquitos na Bahia; ensinava Moléstias Infecciosas e Parasitárias. Bondade e talento caracterizavam sua singular personalidade; Geraldo Horácio de Paula Souza, titular de Higiene, lecionava a matéria já no Instituto de Higiene, hoje Faculdade de Saúde Pública. Foi um educador notável, vendo a medicina por um outro ângulo. Atuante, dinâmico, um lutador.

Antonio Candido de Camargo, cirurgião de renome; Ernesto de Souza Campos, educador por excelência, diplomado em 1918 pela nossa Faculdade de Medicina, projetou seu suntuoso prédio, após visita aos Estados Unidos, Europa e Canadá, com Benedicto Montenegro e Luiz de Rezende Puech. Lecionava Microbiologia e Imunologia. Benedicto Montenegro, cirurgião emérito, diplomado pela Universidade de



Pensilvânia, juntamente com seu irmão João, renomado patologista, foi também político atuante, educador, mestre insigne e chefe de Escola, participando como Tenente Coronel Médico da Miséria Médica Militar, durante a 1ª Guerra Mundial; João Alves de Lima, diplomado em Paris, deixou como discípulos, entre outros, o

grande mestre Alípio Correa Netto; Delphino Pinheiro de Ulhôa Cintra lecionava Pediatria; Antonio de Almeida Prado, dono de privilegiada cultura humanística, escritor primoroso, lecionava Clínica Médica; apreciava o teatro e a música. Com Cantídio de Moura Campos e João de Aguiar Pupo, os três diplomados em 1912 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foram grandes educadores, tomando participação ativa na implantação da novel Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Franklin Augusto de Moura Campos, professor de Fisiologia, foi pioneiro nos estudos de Nutrologia, com seu assistente Dutra de Oliveira; estudou em Boston, na Universidade de Harvard, com Cannon; Raphael Pentead de Barros, excelente professor de Radiologia, concedendo principalmente a patologia óssea; Carmo Lordy, com seus dedicados assistentes José Oria e Thomaz de Aquino, foi mestre de Histologia e Embriologia; André Dreyfus o auxiliou nesta tarefa, nos primórdios de sua atuação.

Antonio de Paula Santos foi titular de Otorrinolaringologia, contando com vários assistentes, dentre os quais o Prof. Raphael da Nova. Pedro Dias da Silva diplomou-se no Rio de Janeiro, lecionava Clínica Médica; deixou-nos vários trabalhos sobre blastomicose brasileira; Luciano Gualberto foi poeta, membro da Academia Paulista de

Letras e cultor de Urologia; Edmundo Xavier lecionava Química, tendo proferido a aula inaugural do curso médico na Escola Politécnica, ainda à rua Três Rios, em 1913. Enjolras Vampré, diplomado na Bahia, foi médico até a medula, no dizer de Almeida Prado, fulminado em plena aula, como o capitão que morre em seu posto, chefe incontestado da Escola neurológica paulista; Sérgio Paiva de Meira Filho, catedrático da Técnica Cirúrgica, estudara também a anatomia dos psitacídeos. Foi um espírito sempre ágil, voltado para a administração. Quando Diretor da Faculdade inaugurou a 15/3/1931 o suntuoso prédio da Escola, à Av. Dr. Arnaldo.

Flamínio Favero, discípulo de Oscar Freire de Carvalho, diplomado em 1918, como Souza Campos, era titular de Medicina Legal, mestre consagrado. Raul Carlos Briquet, musicólogo, professor de Obstetrícia, foi também sociólogo. Com Rino Levi e Cerqueira César, desejava dotar São Paulo de "Maternidade Escola", sonho que não se concretizou. E, finalmente, a singular figura de Luís Manuel de Rezende Puech, titular de Ortopedia e Traumatologia, pioneiro dos estudos de administração hospitalar, com participação ativa na implantação do Hospital das Clínicas. Outros professores de minha época não figuram no quadro a óleo de Fantuzzi, como os Professores Edmundo Vasconcelos, Alípio Correa Netto e Godoy Moreira.

A simples citação desses nomes consagra a velha instituição. Bendita, pois, a memória daqueles que a morte já imortalizou; e que, sobre todos, sobre quantos lhes estão continuando o ensino, o exemplo e o apostolado, vibrem unânimes e entusiásticos os aplausos dos paulistas e dos brasileiros. Com nossos velhos mestres, luzes de nosso altar, vozes de ontem perdidas na distância do tempo, a grande Escola, apesar de mutilada em sua estrutura básica, continua sendo o templo de nossas melhores oblações.

* Professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

A Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (SBEM) teve seu berço na cidade de São Paulo, sendo oficialmente fundada em 23 de abril de 1965; portanto, há quase 30 anos. Seu grande protagonista foi o Dr. Eurico Branco Ribeiro, nascido aos 29 de março de 1902 na cidade de Guarapuava, oeste paranaense. Graças a sua atuação, entusiasmo e capacidade de trabalho, em pouco tempo começaram a despontar núcleos estaduais que logo se tornavam as regionais da entidade. Assim, faz-se mister salientar a atividade literária que médicos rapidamente aglutinaram e empreenderam, sobretudo nos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais e Amazonas, sob a forte influência, quer direta ou indireta, do idealismo contagiante de Eurico Branco Ribeiro.

Mas por puro capricho imprevisível do destino, a sociedade de médicos voltados à arte de escrever teria um cisma irônico. Seu veneno seria a própria língua, a própria semântica. Todas as regionais filhas começaram a achar que o melhor nome para a entidade não seria de "escritores médicos", mas sim de "médicos escritores", pois seus participantes eram primordialmente médicos e depois, como lazer, escritores.

Tragicamente, as palavras de Nelson Rodrigues teriam um exemplo vivo e ao mesmo tempo sombrio: "O jovem tem todos os defeitos do adulto e mais um - o da inexperiência". A difusão célere e contagiante do trabalho de Eurico Branco Ribeiro teria um contratempo triste. São Paulo caminharia isolada e distante das demais regionais do país como SBEM (Sociedade Brasileira de Escritores Médicos), enquanto as demais se consolidariam sob o



nome de SOBREMES (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores). Este foi um duro golpe para São Paulo e para Eurico Branco Ribeiro. Com sua morte em 1º de março de 1978, o isolamento dos demais estados e a não renovação do seu quadro, a SBEM foi definindo paulatina e silenciosamente. Assim, a SOBREMES teve seu estatuto aprovado em assembléia geral realizada em 27 de setembro de 1979 na cidade de Belo Horizonte, sob a presidência de Olivian Dias da Silva, sendo registrado em 12 de junho de 1980 na cidade do Rio de Janeiro sob a presidência de Mateus Vasconcelos; portanto, há cerca de 14 anos.

Paralelamente, não faltaram oportunidades dos demais estados atuantes para que São Paulo ressurgisse das cinzas. E todas fracassaram. Raymond Aron disse certa vez: "É preciso mais tempo para corrigir os erros do que para cometê-los". Por muitos anos, São Paulo não tinha representatividade e atuação na esfera nacional. Este foi um erro crucial, foi um erro verdadeiro. Muito sábias as palavras de John Powell: "O único erro verdadeiro é aquele com o qual nada se aprende". E que indigesto aprendizado foi deglutido por São Paulo, bem como pelos demais estados correligionários! Nada mais precisa é a citação de Bottach: "O pior defeito é imaginar-se isento deles".

Passaram-se os anos e aumentaram os anseios por parte dos demais estados de verem novamente São Paulo como membro da SOBREMES nacional. Afinal, o tempo é o maior penhor de misericórdia que o Criador concede ao homem. De Bertrand Russel, filósofo inglês (1872-1978), tinha razão: "Não se de-

vem repetir os erros do passado quando há tantos novos erros a cometer!".

Graças ao trabalho de divulgação em revistas médicas das atividades literárias da SOBREMES-RJ, foi despertado em nós o interesse em nos afiliar. Assim, fomos aceitos e nossa posse como membro daquela regional foi na Cidade Maravilhosa em 1986. Logo em seguida, foi a vez de Amauri Dorini e Helmut Matare. Mais dois colegas, até então desconhecidos, se preparavam para ingressar na regional do Rio de Janeiro: Luís Jorge e Flerts Nebó. Neste ínterim, não faltaram cartas e telefonemas da nossa madrinha, ou melhor, da progenitora da SOBREMES-SP, Maria José Werneck, então vice-presidente da SOBREMES nacional, incentivando-nos a fundar uma regional em São Paulo. Entretanto, tínhamos receio, pois não nos conhecíamos. Porém, graças ao seu empenho e perspicácia, resolveu dar posse aos dois novos membros da SOBREMES aqui em São Paulo e ao mesmo tempo fundar a nossa filial.

Naquela memorável noite de 15 de setembro de 1988, numa quinta-feira, na pizzaria Ilha de Cós na rua Pedro de Toledo, no bairro de Santa Cruz, tivemos a grata satisfação de tê-la em nosso meio, além dos confrades Syllós de Sant'Anna Reis, presidente da SOBREMES-RJ (1988-1989), Paulo Silva de Oliveira (Paulo Fatal), secretário da SOBREMES-RJ, e André Petrarca de Mesquita, membro fundador da regional do Rio de Janeiro, além de vários convidados. A atuação dos membros da SOBREMES-RJ sobre a liderança de Maria José Werneck foi decisiva para o nosso reaparecimento. Não havia saída. Estava ressurgindo a SOBREMES São Paulo. Nossa sensação podia ser melhor traduzida pelas palavras de Kierkegaard, filósofo dinamarquês: "Aventurar-se causa ansiedade, mas deixar de se arriscar, é perder a si mesmo."

Sem nos conhecermos, foi apresentada uma diretoria para iniciar os trabalhos da novel regional, e o nome curioso, enigmático e desconhecido de Flerts

Sobre reminis histó

“A única
histó
imp



ames: cências ricas

lei da
a é o
visto ”



Nebó foi apontado para ser o primeiro presidente. Sua escolha foi certa, providencial e imprescindível para a concretização de nossa regional. Aliás, nos atreveríamos a dizer que Eurico Branco Ribeiro está para a SOB-RAMES nacional, assim como Maria José Werneck está para o ressurgimento da regional de São Paulo, e Flerts Nebó para o seu engrandecimento.

São Paulo recomeçou a dar os primeiros passos com muita dificuldade e muito idealismo. Vários membros não davam sequer o sabor de suas presenças. Após um ano de existência tencionávamos desistir. Entretanto, “uma viagem de mil quilômetros começa com um passo”, provérbio de Lao-Tse, filósofo chinês. Através de novo contato (Flerts Nebó e eu) com Maria José Werneck no Rio de Janeiro em 1989, por ocasião da sessão solene de fundação da Academia Brasileira de Médicos Escritores - ABRAMES, surgiu a idéia de realizarmos encontros em pizzeria. Aparecia a Pizza Literária, que traria um profícuo incremento a nossa regional em termos de participação e número de associados.

“Um dia é preciso parar de sonhar e, de algum modo, partir”. São palavras precisas, bem vividas de nosso corajoso e renomado velejador Amyr Klink. Sobre a maestria de Flerts Nebó, a SOB-RAMES São Paulo se estruturou e prontamente se projetou no cenário nacional como uma das mais atuantes regionais. Sua ambição maior era ver a realização de um Congresso Nacional na terra dos Bandeirantes. E quatro anos atrás lançava a idéia de ter São Paulo como sede deste prestigioso evento.

“Entre a mais perfeita de nossas teorias e o menor fato, existe

um abismo insondável”, dissera Albert Einstein. São Paulo procurou se preparar para tal. Assim, realizou a I Jornada Paulista de Médicos Escritores em Jundiaí no ano de 1991; a II Jornada foi na cidade de Bragança Paulista em 1993. Ambas foram consideradas como pré-congressos para este magno evento. A idéia deu certo e já se tornou tradição. Temos programado para maio de 1995 a III Jornada Paulista de Médicos Escritores, que será realizada na cidade litorânea de Santos.

Nestes 5,5 anos de reaparecimento, podemos nos orgulhar de ter igualmente editado duas Coletâneas: “Por um lugar ao Sol” em 1990 e “A Pizza Literária” em 1993. A propósito, já estamos articulando a III Coletânea. Da mesma forma, temos publicado vários Boletins, e foi com grande alegria e aceitação lançado há mais de um ano o nosso órgão informativo mensal intitulado “O Bandeirantes”. Nosso trabalho não pára por aí. A SOB-RAMES-SP sentiu a necessidade de adaptação dos anacrônicos estatutos da entidade nacional. Assim, sob a anuência do nosso atual presidente, Valdênio Porto, formou-se uma comissão para a elaboração do seu anteprojeto.

“Quem não conhece o passado está fadado a repeti-lo”, diz o velho adágio. A regional de São Paulo está preocupada com a história da SOB-RAMES e, neste sentido, tem desenvolvido um projeto singular de compilação, registro e arquivo de seu passado e de sua memória.

No que se refere aos concursos literários, a SOB-RAMES-SP tem contribuído significativamente para aprimorar seu regulamento ao longo dos anos, a fim de torná-lo objetivamente “mensurável”, minimizando-o de interferências subjetivas. Em outras palavras, tem-se estruturado suas regras com uma metodologia quase que científica, onde os matizes das variáveis qualitativas adquirem um substrato factível de comparação. Não temos conhecimento, no momento, de um concurso em nível nacional tão amplo e abrangente como o que está sendo realizado por ocasião deste XV Congresso. A fim de que os termos de com-

paração entre os trabalhos fossem mais justos, as categorias de poesia e prosa foram, respectivamente, subdivididas em suas várias submodalidades literárias, proporcionando, ao mesmo tempo, riqueza de detalhes e oportunidade de premiação a vários autores. Ademais, o pódio auferido pelos vencedores terá um sabor especial, pois a análise dos trabalhos foi dignificada pela chancela da União Brasileira de Escritores - UBE, entidade esta de renome e respeito nacional, a qual prestamos nossos mais sinceros agradecimentos.

A regional de São Paulo sente-se muito honrada por sediar este XV Congresso Nacional, sobretudo por ter presenciado no último evento em Recife, a aclamação do nome de Eurico Branco Ribeiro como patrono da SOB-RAMES nacional. Da mesma forma, sentimo-nos muito felizes por ver colegas das mais diversas regiões do estado de São Paulo, bem como dos estados de Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Ceará, Bahia, Amazonas e Minas Gerais em nosso convívio. Neste clima festivo, não poderíamos deixar de agradecer a todos aqueles que, direta ou indi-



retamente, colaboraram para tornar este evento, não somente factível do ponto de vista econômico, como também belo, agradável e harmonioso nos seus aspectos literários e sociais.

Que este congresso catalise e fomenta todos os seus participantes para uma SOB-RAMES mais viva, atuante, representativa e forte!

Muito Obrigado.

* Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Discurso de abertura do XV Congresso da Sobrames

Imprensa médica periódica no Rio de Janeiro:

O BRASIL MÉDICO

Pedro Henrique Miranda Fonsêca *

Em 15 de janeiro de 1887, vinte e um anos após o aparecimento da Gazeta Médica da Bahia, surge no Rio de Janeiro o "Brasil-Médico", fundado por Antonio Augusto de Azevedo Sodré. Este periódico semanal definia em seu programa o seguinte: "O Brasil-Médico, surgindo hoje na arena da publicidade, tem a veleidade de vir preencher uma lacuna. Colocando-se sob os auspícios de alguns clínicos, e revestindo a forma hebdomadária, espera poder prestar bons e úteis serviços àqueles que exercem a medicina entre nós. Registrar pois as locubrações e o fruto da observação clínica e da experimentação dos médicos nacionais, de maneira a servir de credo e norma de proceder aos que praticam a humanitária arte de curar, servir de estímulo despertador de atividade e aplicação, vulgarizar os conhecimentos científicos puros adquiridos aqui ou além-mar, tais são os intuídos do Brasil-Médico."

Essas proposições vieram a ser plenamente alcançadas, pois nesse periódico foram publicadas notáveis contribuições dos mais abalizados médicos de então, como, por exemplo, Carlos Chagas, que aí trouxe a lúmen a descoberta da doença que leva seu nome (Nova espécie mórbida do homem, produzida por um trypanozoma (*Trypanozoma cruzi*) - Nota prévia.

Brasil-Médico ano XXIII número 16, 22 de abril de 1909).

Aliás, antes do aparecimento das "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz", em 1909, constituía-se o Brasil-Médico o verdadeiro arauto das pesquisas realizadas em Manguinhos, tanto que Oswaldo Cruz em carta a Henrique da Rocha Lima, datada de 23 de agosto de 1906, comenta: "O Brasil-Médico continua a gemer sob o peso das produções de Manguinhos".

Além dos pesquisadores de Manguinhos colaboraram também no Brasil-Médico: João Vicente Torres Homem, Julio Rodrigues de Moura, Benício de Abreu, Pedro Severiano de Magalhães, João Pizarro Gabizo, Hilário de Gouveia, Clementino Fraga, Antonio Austregésilo, Antonio de Almeida Prado, Nina Rodrigues, Heraldo Maciel, Eduardo Rabello Júnior, Edgard de Cerqueira Falcão, Pedro Nava e outros luminares da Medicina Brasileira.

De Nina Rodrigues, convém ressaltar o trabalho "Os mestiços brasileiros" (Brasil-Médico ano IV números 7, 8, 9, 10, 1890), com o qual inaugurou seus estudos antropológicos, onde iria, sobremaneira, se destacar.

Com o desaparecimento de Azevedo Sodré em fevereiro de 1929, seus filhos Fábio e Luís Sodré deram continuidade à empreitada

até o ano de 1948, sendo que, a partir de janeiro de 1949, o periódico passou para a responsabilidade da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Permaneceu de periodicidade semanal até 1960, passando a ser mensal a partir do ano seguinte, apresentando-se assim até 1965. Em 1966, tornou-se bimestral e assim permaneceu até 1971, data do seu último número.

Em seus 84 anos de vida manteve-se o Brasil-Médico fiel aos intuídos do seu fundador, isto é, "... bater-se pelas aspirações honestas da profissão, pelo engrandecimento moral e científico, pelo progresso da Medicina no Brasil; servir de repositório para as locubrações e para o fruto da observação clínica e da experimentação dos médicos brasileiros. Suas colunas aíficam como modesto alicerce para o futuro edifício da ciência nacional".

Infelizmente, hoje o Brasil-Médico não é mais corrente. Grande perda para a literatura médica nacional. Aconteceu com ele o mesmo que com outros importantes periódicos brasileiros, aliás, fato corriqueiro entre nós, em se tratando de literatura científica, valendo destacar o seu heroísmo de sobreviver por um período de 84 anos, longa sobrevivida para uma revista médica nacional.

* O autor é médico e membro da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical

Vida Cultural

A Summus Editorial acaba de lançar o livro "A Psique do Corpo", de Denize Gimenez Ramos. A autora é psicóloga, professora de psicologia, profunda conhecedora da doutrina do grande mestre Carl Gustav Jung. Em seu livro aborda a questão da união soma-psiché, tão controversa e importante para o conhecimento do homem como um todo, talvez a mais velha pergunta da ontologia. A autora demonstra a impropriedade do dualismo iniciado por Platão, que culminou com Descartes e sua Escola, ao estabelecer a *res corporea* e a *res cogitans*. Denize Ramos transcende, por Jung, esse incompreensível abismo cavado entre o corpo e a psique, revendo, criticamente, os modelos conceituais sobre doença e saúde. Propõe uma teoria para o complexo tema e estuda três casos clínicos (enfarte do miocárdio, artrite reumatóide e melanoma).



Dia 18 de outubro, Dia do Médico, a APM realizará em sua sede social a festividade anual alusiva à data. Haverá homenagens a três personalidades da medicina, show de música e coquetel. Na ocasião, vai ser inaugurado o "Espaço Musical".



O Centro de História da Ciência da USP, no mês passado, realizou grande e justíssima homenagem ao prof^º Milton Vargas, por ocasião de seus 80 anos. No dia, houve conferências com a presença de personalidades da cultura paulista. Ao final, com coquetel, o ilustre professor lançou o seu novo livro.



Lauro Barros de Abreu, professor associado de Ortopedia e de Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, escreveu importante livro sobre tratamento, prevenção e reabilitação no pronto atendimento de acidentados de mão. Chama-se "Emergência".

O prof^º Lauro vem dedicando sua vida profissional à cirurgia da mão e grande parte da atividade tem sido consumida em difíceis problemas causados quando o acidente agudo não é bem atendido, o que causa ao paciente enormes problemas futuros. Na obra aborda, didaticamente, com inúmeras ilustrações, muitas delas a cores, os métodos corretos de bem proceder em face de emergência.

G.A.P.